

# Vastos oceanos, territórios e a bússola: navegando pelas pesquisas na interface ciberespaço/cibercultura/ciberarte

---

LUCIA LEÃO

**Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura,**  
de Lucia Santaella. São Paulo: Paulus, 2003, 358 p.

**Resumo** Como a condição pós-humana pode ser definida? Como a interface homem-máquina está transfigurando a comunicação, a cultura e as artes? Lucia Santaella examina os principais debates no campo das novas mídias e da cibercultura. Com dimensões oceânicas, *Culturas e artes do pós-humano* abrange disciplinas diversas como arte, filosofia, história das mídias e semiótica.

**Palavras-chave** cibercultura, mídias digitais, pós-humano

**Abstract** What is post-human condition and how does the human-machine interface transfigure communication, cultures and art? Lucia Santaella examines the main debates in the areas of new media and cyberculture. With oceanic dimensions, *Culturas e artes do pós-humano* (*Cultures and post-human's arts*) is extensive and covers quite different disciplines such as art, philosophy, culture, media history and semiotics.

**Key words** cyberculture, digital media, post-human

Alguns poucos autores se debruçam sobre grandes cartografias e propõem sistematizações para vastos campos de conhecimento. Eu digo poucos, pois grandes mapas exigem muita pesquisa, tempo para maturação das idéias, fôlego para inter-relacionar conceitos e uma lucidez intelectual rara. Quando pensamos em cartografias de territórios em freqüentes ebulições como a cibercultura, esse número cai ainda mais.

*The Language of New Media*, de Lev Manovich; *Information Arts: Intersections of Art, Science, and Technology*, de Stephen Wilson; *La technologie dans l'art – de la photographie à la réalité virtuelle*, de Edmond Couchot e *Digital Art* de Christiane Paul são alguns exemplos internacionais dessa tarefa hercúlea.

Também merecem ser citados os mapeamentos propostos pelos organizadores de coletâneas. Ao reunirem vozes de diferentes pensadores, os editores realizam mapas coletivos no mais puro sentido deleuziano. *Cyber Reader: Critical Writings for The Digital Era*, de Neil Spiller; *The New Media Reader*, de Noah Wardrip-Fruin e Nick Montfort, e *Prefiguring Cyberculture: An Intellectual History*, de Darren Tofts, Annemarie Jonson e Alessio Cavallaro são empreitadas realmente dignas de nosso respeito.

Outras cartografias das mutações no campo das convergências das mídias, mais precisamente na área das artes, podem ser reconhecidas por meio de projetos curatoriais. Com propostas instigantes e reveladoras dos deslocamentos na cultura, destacam-se as exposições do ZKM. Nesse sentido, podemos pensar nos projetos de Jeffrey Shaw e Peter Weibel *Net\_Condition: Art and Global Media* e *Future Cinema: The Cinematic Imaginary after Film*.

No Brasil, vários expoentes conduzem pesquisas extremamente criativas e consistentes. André Lemos, Diana Domingues, Gilbertto Prado e Giselle Beiguelman, entre outros, brilham no cenário internacional como estrelas de primeira grandeza.

Nesse sentido, a publicação de *Culturas e artes do pós-humano* surge em boa hora. O mais recente fruto das investigações intelectuais de Lucia Santaella nos oferece, em um só volume, uma ampla sistematização das pesquisas na área.

As quase 360 páginas do livro se dividem em 14 capítulos. Cada um deles se concentra em discutir tópicos da contemporaneidade. De modo didático, o texto de Santaella apresenta conceitos fundamentais e os situa em relação a diferentes linhas de pesquisa. Assim, no capítulo 1, denominado *O que é cultura*, a autora expõe concepções oriundas de diversos campos do saber. Com uma escrita clara e precisa, Santaella apresenta a visão de cultura das ciências humanas, a qual, por vezes, opõe-se à idéia de natureza, contrapõe essa definição à proposta antropológica e mais adiante às pesquisas na área de semiótica da cultura. Ao comentar essas diferenças, Santaella nos fala que

as concepções humanistas são seletivas, separando certos segmentos das atividades humanas de outros e concebendo-os como sendo culturais. As antropológicas são não-seletivas pois aplicam o termo cultura à trama total da vida humana numa dada sociedade, à herança social inteira e qualquer coisa que possa ser adicionada a ela... Enquanto na concepção antropológica a cultura é, por natureza, plural e relativista, quer dizer, o mundo está dividido em diferentes culturas, cada

uma delas valiosa em si mesma, para os humanistas, algumas pessoas têm mais cultura do que outras e alguns produtos humanos, tais como artes visuais, música, literatura, são mais culturais do que outros (p. 33).

Santaella, em seguida, apresenta um mapeamento da semiótica da cultura em suas heterogêneas linhas de pesquisa. Sobre as relações entre semiótica e cultura, Santaella nos recorda que

nos anos 70, a ênfase da antropologia no caráter simbólico da cultura encontrou forte complementaridade na semiótica da cultura. Como afirma Nöth (2000: 513), se a cultura é um sistema "simbólico de formas", conforme definição de Cassirer, então a semiótica é uma ciência da cultura *par excellence*, pois é a ciência universal dos signos e dos símbolos (p. 47).

O segundo capítulo, *Cultura midiática*, dedica-se a explorar as transformações da cultura no século 20, discorre sobre pós-modernidade, globalização e revolução digital. Nesse capítulo, Santaella, banhando-se no legado de Walter Benjamin, faz uma colocação extremamente importante ao propor que a cultura humana existe num *continuum*, é cumulativa. Nesse sentido, um meio de produção não desaparece com o surgimento de um novo meio.

A pintura não desapareceu com o advento da fotografia. Não morreu o teatro, nem morreu o romance com o advento do cinema. A invenção de Gutenberg provocou um aumento da produção de livros tanto quanto a prensa mecânica e a maquinaria moderna viriam a acelerar ainda mais essa produção... O cinema não deixou de existir devido à televisão. Ao contrário, a TV a cabo necessita agora do cinema como um dos seus elementos vitais (p. 57).

Em seguida, no capítulo 3, propõe "*uma visão heterotópica das mídias digitais*" (p. 61) e apresenta as duas principais correntes críticas: euforia (representada por pensadores como Negroponte e Lévy) e disforia (cujo maior representante é Baudrillard) frente ao ciberespaço. Nesse capítulo, Santaella faz uma ampla exploração do termo "mídia" em vários de seus sentidos e usos. Entre os autores discutidos pela autora estão Manovich e Lunenfeld (p. 61-4).

O capítulo 4 descortina os "substratos da cibercultura". Com uma escrita que avança por sólidas fundamentações teóricas, Santaella caminha da cultura das massas à cultura das mídias (p.77-80); da cultura das mídias à cibercultura (p.81-82). Digitalização, Internet, interface, hipermídia, ciberespaço, inteligência coletiva, TV interativa e agentes inteligentes são alguns dos tópicos presentes no quadro composto pela autora.

*Formas de socialização na cultura digital* é o título da rede de assuntos apresentada no capítulo 5. O advento das comunidades virtuais; os novos espaços de comunicação possibilitados pelos ambientes digitais; questões referentes à linguagem que emerge nas novas interações; as formações psicossociais são alguns dos temas discutidos e problematizados. Nesse bloco de análise, brilha imponente a conceituação das camadas de ciberespaço proposta por Mitchell (p.124).

O capítulo 6 inaugura a série de estudos que Santaella dedica às artes. Nesse primeiro momento, a autora conceitua as artes híbridas, analisa as paisagens signícas das instalações e adentra no hibridismo digital. No capítulo 7, Santaella propõe um panorama da arte tecnológica que se estende da evolução das técnicas, passando pelas artes eletrônicas e alcança a arte digital.

Na seqüência que *Culturas e artes do pós-humano* nos oferece, o assunto arte é interrompido para a introdução de conceitos essenciais na obra como um todo. O capítulo 8 dedica-se a explorar a concepção de corpo biocibernético e do pós-humano. A arquitetura do capítulo é elaborada com cuidadoso esforço de conceituação. Assim, somos conduzidos por territórios como: os modelos das relações entre máquinas e corpo humano; a cibernética de terceira ordem e o biocontrutivismo; o conceito de ciborgue e o corpo híbrido; imaginário *ciberpunk*; questionamentos feministas quanto às políticas do corpo no ciberespaço, e a definição do pós-humano propriamente dito. Também permeiam essas discussões temas como realidade virtual, nanotecnologia, vida artificial, entre outros.

No capítulo 9, Santaella, ao propor uma nova modelagem conceitual, ressalta que cultura é mediação e postula: o cérebro está crescendo. Nesse processo de conceituação, Santaella rejeita a oposição entre humano e máquinas. Em sua formulação, existem conjunções entre o humano e máquinas sensoriais e máquinas cerebrais, o que gera uma nova antropomorfia.

Considero o capítulo 10 o mais ousado e também o mais difícil para o público não iniciado em psicanálise. Na leitura de pós-humano proposta pela autora, entrelaçam-se conceitos como pulsão de morte (em Freud e Lacan) e o polêmico livro de Robert Pepperell, *The Post-Human Condition*. Muitas das idéias presentes no manifesto do pós-humano de Pepperell são revisitadas por Santaella<sup>1</sup>. Percebe-se um claro isomorfismo entre alguns dos pressupostos da autora principalmente em: *7. Corpos humanos não tem limites* e *9. Consciência (mente) e ambiente (realidade) não podem ser separados, eles são contínuos*.

1. Ver manifesto do pós-humano em: [www.post-human.net](http://www.post-human.net)

Nos capítulos seguintes, Santaella retoma a questão dos experimentos artísticos. *O corpo vivo como suporte da arte* parte da *body art* e se desdobra até a década de 90. Em *As artes do corpo biocibernético*, a autora inter-relaciona sua sistematização conceitual a projetos de ciberarte. O capítulo 13 se concentra nas ambigüidades que o corpo vivencia no ciberespaço e propõe uma "semiose da descorporificação". O capítulo final dedica-se a discutir o estatuto da arte diante do panorama delineado.

Na introdução do livro, Santaella nos conta ter sido movida pela seguinte questão: "O que está acontecendo à interface ser humano-máquina e o que isso está significando para as comunicações e a cultura no início do século XXI?" (p. 26). Em essência, pode-se dizer que *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura* alcança e vai muito além da proposta inicial.

Com dimensões oceânicas, os méritos desse livro podem ser observados em três níveis. Em primeiro, pela qualidade da escrita, pelo processo de elaboração de conceitos e pela arquitetura lógica que estrutura o livro como um todo enquanto verdadeiro sistema de informação. Em segundo, deve-se ressaltar as redes de relações que o livro traça com importantes idéias e pensadores na interface ciberespaço/cibercultura/ciberarte. E em terceiro, pelas propostas teóricas que a autora delineia. Pois, como vimos, Santaella navega com desenvoltura por vastos mares, penetra territórios diversos e generosamente nos oferece sua bússola.

LUCIA LEÃO é doutora em Comunicação e Semiótica. Autora dos livros *O labirinto da hiperídia: arquitetura e navegação no ciberespaço* (Iluminuras, 1999) e *A estética do labirinto* (Anhembí Morumbi, 2002). Editou as coletâneas de artigos internacionais *Interlab: labirintos do pensamento contemporâneo* (Iluminuras, 2002), *Cibercultura 2.0* (Nojosa, 2003) e *O chip e o caleidoscópio: estudos em novas mídias* (Ed. Senac, no prelo). É professora doutora na PUC-SP e professora titular nas Faculdades SENAC (graduação e pós-graduação), onde coordena o Grupo de Pesquisas em Cibercultura. Atualmente desenvolve pesquisa de pós-doutorado em Artes na UNICAMP.

lucleao@lucialeao.pro.br

Resenha agendada em setembro de 2003  
e aprovada em fevereiro de 2004.